

EDITORIAL

É com satisfação que disponibilizamos a todos os leitores mais um número da Revista E-scrita, o último deste ano de 2016. Esperamos que os 26 artigos selecionados sejam de grande relevância para os estudos e pesquisas em processo atualmente.

Abrimos o Número 3 de 2016 com sete artigos que contemplam o Dossiê: Utopias e Distopias. Dentre as definições disponíveis para os termos, destacamos inicialmente a palavra “utopia”,

do latim tardio *utopia*, palavra inserida na Língua Portuguesa por influência de Thomas More, que designou uma ilha perfeita em seu livro "A Utopia"; pelo grego: ou (não) + tópos (lugar). Refere-se a um local ou situação ideais onde tudo é perfeito, harmônico e feliz; refere-se especialmente a um tipo de sociedade com uma situação econômica e social ideal. Que está no âmbito do irrealizável; que tende a não se realizar; quimera, sonho; fantasia.¹

Já o termo “distopia”, sugere um

local imaginário, circunstância hipotética, em que se vive situações desesperadoras, com excesso de opressão ou de perda; antiutopia. Quaisquer demonstrações ou definições de uma associação social futura, definida por circunstâncias de vida intoleráveis, cujo propósito seria analisar de maneira crítica as características da sociedade atual; além de ridicularizar utopias, chamando atenção para seus males; antiutopia.(Etm. do grego: dys + topos + ia).²

Desta forma, os artigos do dossiê tratam de várias obras relacionando-as a essa temática. Iniciamos com Azevedo, que pretende avaliar questões de análise teórica levando em consideração a literatura utópica/distópica. Como exemplares deste tipo de literatura o autor propõe a análise de *Utopia* de Tomás Morus e *1984* de George Orwell. Na sequência, o artigo de Souza e Manguiera trata do gênero distopia, de modo a identificá-lo, numa análise interpretativa e descritiva, os autores também observam o romance *1984* (2009), do autor George Orwell, e o *best seller*, *Harry Potter e as Relíquias*

¹ <https://www.dicio.com.br/utopia/>

² <https://www.dicio.com.br/distopia/>

da Morte (2007), sétimo e último volume de uma série criada por J. K. Rowling. Como base teórica utilizam os trabalhos de Pasold (1999), sobre o gênero distopia enquanto uma forma satírica de produção, e Berriel (2010), no que diz respeito à história e à definição do gênero utopia.

No terceiro artigo, de Pereira e Marques, os autores utilizam-se das contribuições de Ferns (1999), Jameson (2005) e Claeys (2010) para discutir sobre as especificidades das distopias contemporâneas e sobre a adaptação das temáticas sociais clássicas para um viés transumano. A base do estudo é a trilogia *Divergente* escrita pela autora norte americana Veronica Roth, que, segundo os autores possibilita uma discussão mais explícita sobre as características do gênero na contemporaneidade e sobre suas relações com as distopias e utopias clássicas.

Sousa e Nóbrega tratam de um gênero particular de distopia na literatura, chamado de história alternativa. Neste gênero, obras de ficção reescrevem acontecimentos importantes do passado, narrando-os de forma divergente da historiografia, a fim de promover uma problematização da própria história que é reescrita, assim como das ideias que permeiam a sociedade no momento e lugar referidos. A obra analisada é o romance *A segunda pátria*, do escritor paranaense Miguel Sanches Neto (2015).

Ainda compondo o dossiê, Rodrigues investiga a relação entre o cinema e a literatura a partir de uma análise comparativa entre o conto *Pierre Menard, autor do Quixote*, de Jorge Luis Borges, e o filme *Fahrenheit 451*, de François Truffaut. Silva propõe uma leitura crítica do romance *A república dos sonhos*, da escritora carioca Nélida Piñon, problematizando a representação da identificação da América e do Brasil a partir da vivência migrante do personagem protagonista, a qual transcorre nos limites do sonho, da utopia e da distopia.

Fechando essa seção, Soares apresenta em seu artigo a leitura do conto “Verde”, de Ruben A., publicado em 1960, a partir de um contexto artístico marcado pelo advento das ficções futurísticas distópicas do século XX e sob conceitos sócio-filosóficos que descrevem as sociedades contemporâneas como espaços de disciplina e de controle.

Após a seção do dossiê, a Revista E-scrita propõe uma nova forma de apresentação dos artigos, que anteriormente eram organizados por áreas de interesse e agora são todos agrupados na seção Vária e organizados por ordem alfabética dos autores.

Dessa forma, neste número, a seção Vária apresenta 19 artigos de áreas e temas variados. Lembramos que as antigas seções “Estudos Linguísticos”, “Resenhas”, “Ensino e Aprendizagem”, “Estudos Literários” entre outras, continuam a estar presentes na revista, o que mudou foi o formato de apresentação.

Esperamos que gostem do dossiê e que o novo formato seja bastante interessante para leitores e autores que contribuem para nossa revista.

Desejamos a todos uma ótima leitura e bons estudos.

Cátia Barboza
Editora da Revista E-scrita

Cátia Barboza
Editora da Revista E-scrita